

# BARROCO DE MIM NAS GERAIS

Carlos Ávila <sup>[\*]</sup>



Acompanho há décadas o trabalho plástico-visual do artista mineiro Angelo Marzano, sobre o qual já escrevi diversas vezes, na imprensa e em catálogos/folders, desde os anos 1980. Inquieto e provocativo, Marzano sempre aliou o vigor plástico e a vontade “picassiana” de *fazer* (criar, inventar) a um olhar crítico bem humorado, irônico e algo “chaplino” – embora, sendo também um curtidor e articulador de imagens em movimento (realizou superoitos, vídeos e até mesmo um curta em película 16 mm), prefira Buster Keaton... Ainda hoje o artista se volta para imagens em movimento, utilizando e reutilizando recursos virtuais e plataformas *on line*.

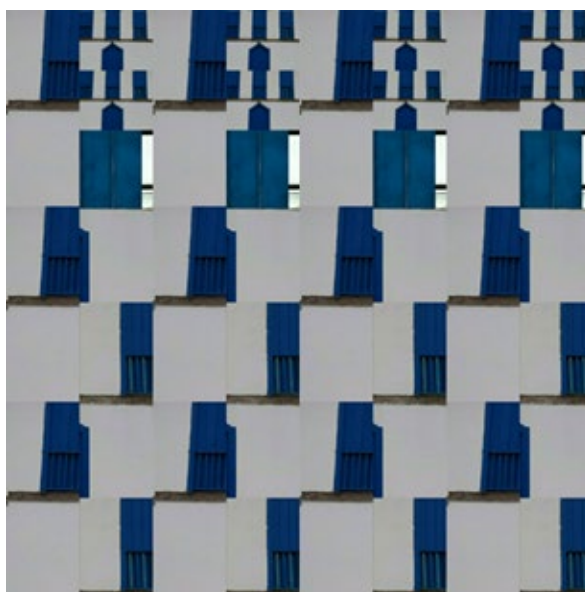
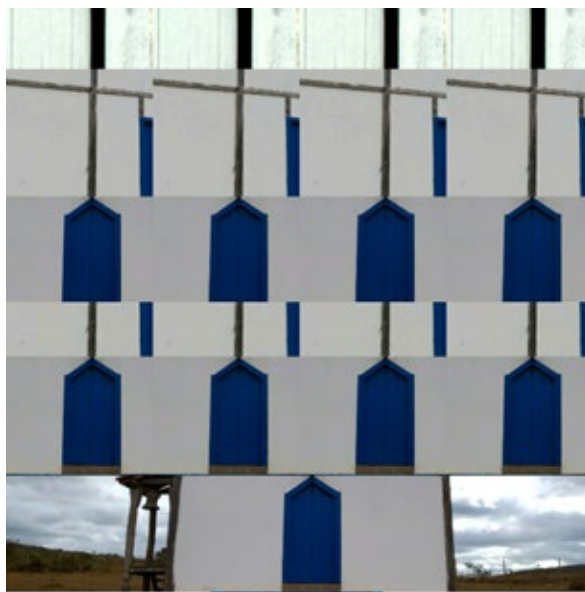
Desde fins dos anos 1970, ao lado de outros companheiros (Antônio Julião, Sônia Labouriau, Fernando Lucchesi, Marcos Coelho Benjamin, Marco Tulio Resende, Humberto Guimarães etc.), Marzano vem se exercitando no desenho, na gravura, na pintura, em fotos, em objetos, nas já citadas imagens em movimento – e até mesmo no signo verbal (poemas e divertidos contos infantis). Como destaquei no texto escrito para o catálogo de sua mostra “Arcoanarco” (BH, Palácio das Artes, 1998), “o artista tem explorado, sem preconceitos, meios e suportes variados visando unicamente desenvolver uma linguagem própria, sempre experimental e ousada, uma espécie de testemunho, ou melhor, *textemunho* (ele talvez prefira gravar assim aquela palavra sisuda...) de seu tempo/espço vivencial”.

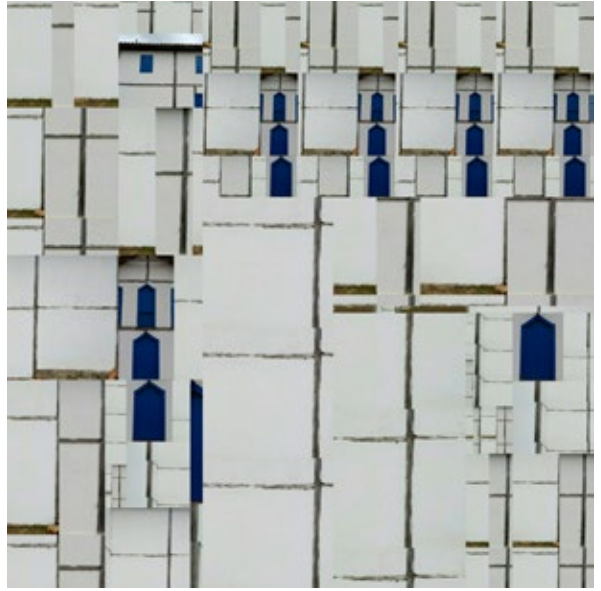
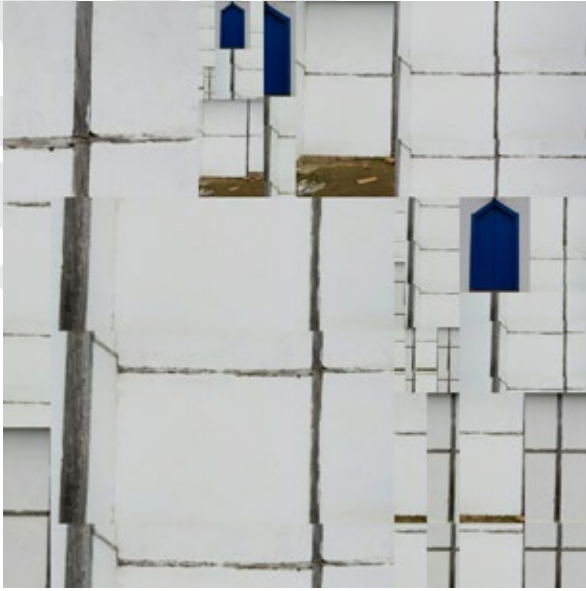
Nas idas e vindas do seu fazer plástico-visual – ora utilizando-se de suportes e técnicas mais antigas, mas sempre de forma “mista” (ou mixada); ora lançando-se em aventuras ainda inéditas, com procedimentos possibilitados, por ex., pelas mais recentes tecnologias – Marzano sempre surpreende. Agora reaparece com a série “Barroco de mim nas gerais” – cujo próprio nome dá pistas ou sinais de seu projeto. Daí o interesse de registrar e/ou divulgar esse trabalho no âmbito desta revista “Barroco” (a primeira em edição *on line*) – enfatizando sua linha editorial aberta também ao diálogo com a arte contemporânea. Alguns trabalhos da série já foram expostos, pela primeira vez, na Galeria Reserva Cultural, em Niterói (onde o artista mineiro se radicou e vive), no período de dezembro de 2020 a fevereiro de 2021.

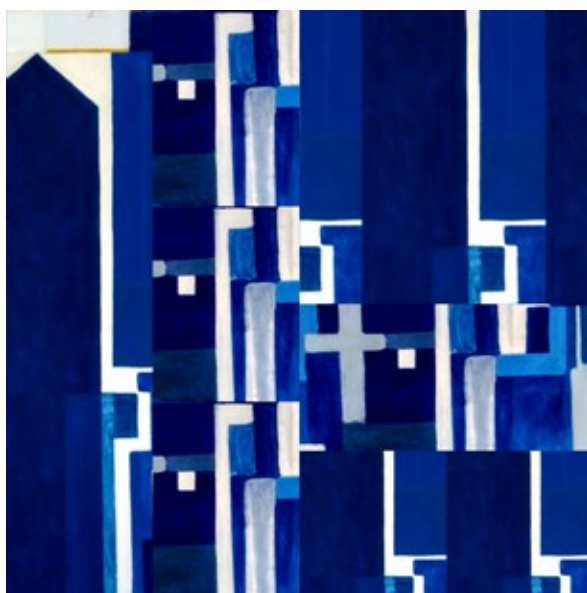
Trata-se, na verdade, de um barroco “revisto” ou tensionado por uma via (ou veia) construtiva, que marca a formação e a obra do artista. Segundo o curador da mostra em Niterói, Vilmar Madruga, “o artista parte da tradição da pintura para investigar a relação forma/ espaço/cor ao mesmo tempo em que atualiza o barroco da arquitetura mineira à luz da herança neoconcreta”. Para Madruga, “tanto na têmpera e no óleo como no corte-recorte da fotografia, as obras em exposição estabelecem um jogo de supressão e acréscimos. De vazios e acúmulos. De construções sóbrias e econômicas que operam na superfície da tela. Essas composições se afirmam como reflexão de um mundo interior vibrante, intrigante e silencioso”.

Estão reproduzidas aqui algumas imagens a cores da série de Marzano, que inclui pinturas em têmpera sobre tela e fotografias (40cm x 40cm).









## Adição/edição

O artista começou a fazer esses trabalhos durante uma viagem que fez em julho de 2019, “por cidades históricas e diversos lugarejos de Minas”: Lapinha da Serra, Serro, Milho Verde, Capivari, Conceição do Mato Dentro, São Gonçalo do Rio das Pedras, Candeias, Glaura, São Bartolomeu, Ouro Preto e Piacatuba (“quase no Rio, meia hora de Cataguases”). Ou seja, não só a viagem pelo referencial barroco ouro-pretano – mas também pelo *barroco estradeiro*, designado por Affonso Ávila (“sucessão de matrizes e capelas que ainda hoje nos impressiona pelo empenho construtivo e ornamental”).

“Fui fazendo uns escritos - mistura de palavra, caligrafia, desenhos que faço em pedaços de papéis... E capturando imagens com o celular e editando em um aplicativo do aparelho. A fotografia, e mais do que ela a edição-colagem de imagens, são a base de todo o processo de criação. Ao chegar da viagem a Minas, dei início a uma outra viagem, no interior do atelier e no interno do “barroco de mim” – da foto para a pintura, em uns retalhos de tela”.

Ainda segundo Marzano, seu processo de criação é o seguinte: “espalho sobre a mesa de trabalho, no meio de pincéis, tubos de tinta, tigelas e cópias das fotos da viagem. Com o celular faço o registro de arranjos barrocos na mesa. E surgem daí outras pinturas, novos arranjos e fotos. Um fazer contínuo, caminhando do excesso da adição para o corte de edição e vice-versa; da mão na pintura ao digital na fotografia e vídeo”.

## Imagem/vertigem

Para os que nascem e vivem em Minas, conviver com o barroco é uma coisa natural – ele faz parte do cenário, está em torno e no entorno de todos. Não seria diferente, é óbvio, com os artistas plásticos mineiros ou com os artistas que aqui se radicaram (como Guignard – com suas “cores mais sutis que a própria cor”, no dizer de Drummond). Marzano tinha parentes em Ouro Preto; acompanhou desde criança o pai (pintor amador) e amigos dele em viagens a Sabará, Ouro Preto e outras cidades menores com seus cavaletes em busca de paisagens para retratar em suas telas; recorda-se de ter desenhado, aos seis anos, um dos nossos casarões... Foi assimilando espontaneamente esse “ambiente construído” – sobretudo, as imagens ouro-pretanas do casario colonial e dos diversos templos barrocos, com seus Aleijadinhos e Ataídes. Mais adiante, também imagens da Semana Santa na cidade histórica; da icônica São Francisco (“a igreja que mais visitei na vida”); dos quadros de mestre Guignard; dos multicoloridos e vertiginosos Festivais de Inverno, “no sobe e desce ladeira”...

Desde a sua marcante mostra “Arcoanarco”, já mencionada, Marzano persegue as curvas nos seus quadros e objetos. Embora na época não pensasse em barroco – estava mais voltado,

ludicamente, para a própria ideia de *arco* (principalmente nos seus objetos: pedaços de madeira/“coisas achadas”) –, algo já o aproximava de um dos elementos básicos do estilo.

As imagens plásticas de Marzano, na nova série de trabalhos, nascem naturalmente de seu olhar preciso, seu “olho armado” (Murilo Mendes) para as já mencionadas “coisas achadas”. As curvas e as recurvas já eram seu alvo desde “Arcoanarco”; já impulsionavam seu trabalho criativo na direção de uma vertigem algo barroca filtrada – na certa, com algum paradoxo de permeio – por uma geometria sensível advinda do nosso neoconcretismo.

## Excesso/escassez

Em um período de vida e trabalho em Portugal (1999/2000), por conta da “Bolsa Virtuose” do Ministério da Cultura – MINC, Marzano começou a perseguir/pesquisar de forma mais direta e (por que não dizer?) “prática” um possível *barroconstrutivismo*. O choque e a tensão (também alguma provável proximidade) entre o excesso e a escassez, o cheio e o vazio, o derramado e o enxuto... E uma espécie de ritmo resultante disso, presente no tempo, não só histórico, mas também estético, interno, das obras artísticas (particularmente a arquitetura).

Marzano deu asas à imaginação e à invenção – não à perfeição. Sua pesquisa nada teórica, emocional e racional a um só tempo, tinha como bússola a pérola de forma irregular – barroquíssima; mas também “os liames estruturais com o espírito neoconcreto” (Roberto Pontual). Expressão + construção. Nesse percurso as coisas tomaram novas direções. Nas próprias palavras do artista, “o que era reto já não era tão reto”; ou ainda: “o tempo traz uma empena, um molejo”.

Importa nisso tudo, para Marzano (nunca ortodoxo, mas rigoroso e preciso, seguindo a lição de um Klee ou de um Volpi), a liberdade das formas. A naturalidade específica das formas. A possibilidade de exploração simultânea de universos aparentemente opostos e conflitantes – o *menos* e o *mais* – com sabedoria plástica, com uma digital de artista que sempre enfrentou com consistência e coerência (mas também *humour*) as adversidades e obstáculos.



# Minas/mundo

Sem qualquer caráter ou propósito localista ou regionalista (o que resultaria limitado), antes produzindo uma conjunção Minas-mundo, Marzano busca na série “Barroco de mim nas gerais” uma espécie de filtro criativo. Um filtro construtivo para a opulência (ou eloquência) barroca. Um possível filtro de leveza. Daí a sua preferência e interesse pelo exterior, pelo “lado de fora” (a alvenaria caiada de branco, em geral): as laterais. Também pelas janelas e pelos portais dos templos (não pelos interiores suntuosos e “dourados”) e do casario *estradeiros*. Sintetizando: “Barroco perdulário no interior, severidade austera do lado de fora” (Lourival Gomes Machado).

O olhar de Marzano para a arquitetura barroca (o jogo rítmico-cromático azul & branco, por ex.) não é paisagístico-convencional, olhar simplesmente “de fachada”. Antes de tudo é um olhar metonímico, que toma a parte pelo todo, que corta e recorta as imagens “de fora” (parede/janela/porta) – chegando até mesmo à forma-símbolo da cruz, que, muitas vezes, se metamorfoseia em figura-linha, com algo de Malevitch.

Percorrendo estradas e recantos de Minas, suas capelas e seu casario, Marzano apropriou-se de *resíduos seiscentistas* e mesmo de resquícios mais recentes, com uma visada contemporânea própria, para compor inédita poética visual. Foi do seu inicial e anárquico *arco* ao barroco (*arco*, aliás, já contido neste estilo artístico e na própria palavra-conceito que o define: bARroCO). Virou e revirou do avesso suas memórias do lugar de origem; decantou este mesmo lugar no “agora” para relançar plasticamente Minas no mundo. Artista-jogador, *barroconstrutivo* nesta nova série de trabalhos, Angelo Marzano continua apostando no risco.

## Nota

\* CARLOS ÁVILA - poeta e jornalista.